

*De toda sua vida,
qual é o instante, o fragmento,
o pontinho de luz que mais vezes
lhe ocorre para dizer
que viver vale a pena?*

*Ter a capacidade
de amar alguém ou algo na vida.
Ser capaz de pôr nisso todas as forças,
toda a capacidade que,
no fim de contas
é a capacidade para viver.*

[LER, Outono 2003]

Agustina Bessa-Luís no jardim da sua casa,
no Porto, em 2003, onde ainda hoje passa
os dias a cuidar das flores



A indomável

POR EDUARDO LOURENÇO LISBOA, 29 DE NOVEMBRO DE 2008

Em 1953, uma autora já conhecida de leitores atentos, publica um livro que inaugura uma data na ficção portuguesa contemporânea. O título famoso, como sabemos, é *A Sibila*, título profético no qual Agustina Bessa-Luís profetiza o seu próprio destino e a sua vocação de vidente e visionária. Esse título representou na época, para quem estava atento, o fim de uma hegemonia que, desde há 15 anos dominava, com razões para isso, o panorama da ficção portuguesa, aquilo a que se chamou neo-realismo. *A Sibila* não é um romance que se coloque em qualquer oposição, ou ideário, à prática ficcional desse neo-realismo.

É um livro que começa num outro lugar. O lugar que não existia antes dele, pela originalidade da história, pela temporalidade ficcional que é a da memória, ela própria tão inventada como realisticamente evocada, em suma, um tipo de ficção que noutras paragens já tinha obras em que Agustina se podia inspirar, mas que ela renovou e preencheu de um tipo de vivências não só da sua memória subjectiva como do inconsciente duma cultura do Portugal mais arcaico, ou melhor, do imemorial.

Essa obra foi seguida de uma produção torrencial sem precedentes na nossa literatura mesmo se nela integramos Camilo – um dos referentes da cultura desse imemorial que ela levará até à sua incandescência.

Mais tarde, a cultura portuguesa aperceber-se-á que além da originalidade literária de *A Sibila* enquanto ficção e escrita, uma escrita por vezes aleatória e fantasmagórica, essa obra instaurava sem que ainda se soubesse muito bem uma espécie de longo reinado da literatura feminina em Portugal. No caso dela, mais feminina do que feminista – que Agustina não é nem nessa perspectiva uma

ideóloga mas um exemplo da sua ficção povoada de personagens femininas entre as quais a do seu primeiro livro, *Mundo Fechado*, que impôs um mundo da mulher até então subalternizado com uma evidência que as suas sucessoras receberam já como uma herança natural. Até porque Agustina tinha demasiado humor para ser feminista – sobre as outras mulheres. E, por incrível que possa parecer e muitas vezes não é entendida, sobre ela própria.

Pouco a pouco, Agustina impôs-se como uma paisagem literária sem igual na nossa literatura com livros como *A Muralha*, *Os Incuráveis*, *O Manto*, e mais tarde outros que adquiriram uma segunda vida através do cinema de Manoel de Oliveira como *Fanny Owen* ou *Vale Abraão* impuseram-se e entraram não só no imaginário nacional mas universal.

Infelizmente, a escrita constantemente paradoxal e surpreendente de Agustina ainda não encontrou, pela sua dificuldade, o eco que merece. Mas pode esperar. Num livro que particularmente me deslumbrou – *Um Cão Que Sonha* – Agustina revisita a sua juventude e dá-nos um pouco a misteriosa e insólita perspectiva da sua ficção, como destinada a ser devorada por um outro que será o autor da sua obra em vez dela. Como se ela, que, como é sabido, tão pouco aprecia Fernando Pessoa, inventasse um mito da sua criação proliferante para se converter numa ficção sem autor. E isto pode ser uma fábula que resume o que trouxe realmente de novo Agustina para a ficção da sua época. Menos uma voz que narcisicamente inventa um mundo para se afirmar através dele do que para ser, por assim dizer, a voz anónima das múltiplas memórias do seu universo povoado de figuras cada uma resumindo a extravagância da vida como se fossem seres da natureza indomáveis e imortais. Como ela.

Infelizmente, a escrita constantemente paradoxal e surpreendente de Agustina ainda não encontrou, pela sua dificuldade, o eco que merece. Mas pode esperar.



Agustina num hotel
(Setembro de 2000)



Agustina Bessa-Luís em Rodes (2002)

1

Quando em 2006 veio a lume *A Ronda da Noite*, não era a primeira vez que Agustina Bessa-Luís se tinha enredado, para construir os seus romances, com os claros-escuros da pintura, assim como da fotografia – *Azul (Não-*



-Lugares), álbum com um texto curto de Agustina e fotos de Luísa Ferreira (Ambar, 2002). São instantâneos duma viagem a Rodes, Grécia,

em 2008, aquando do primeiro Fórum Internacional para a Paz das Mulheres Criadoras do Mediterrâneo. Há o óbvio: o cruzamento entre a literatura e a fotografia, a pintura, a arquitectura, o *design*, a dança, ou o conjunto das artes performativas são «escritas» que se revêem, entrelaçam ou contradizem, criando entre eles vasos comunicantes e objectos em que ler/ver implica sempre uma cumplicidade. É assim com o cinema que, na obra e vida da escritora, teve decisiva importância, desde os filmes que viu deliciada, em jovem e adolescente, até ao «feliz casamento» quando se encontrou com a cinematografia de Manoel de Oliveira, em 1981, com *Francisca*, a partir do romance *Fanny Owen*.

2

A primeira abordagem no território da pintura jorra no livro *Longos Dias Têm Cem Anos. Presença de Vieira da Silva* (Imprensa Nacional-Casa da Moeda,



1982). Agustina justificou a sua aventura romanesca como «uma admoestação e uma ironia para o preguiçoso inveterado que num século

acha tempo adequado para os seus projectos e a combinação laboriosa que os acabe». A romancista não é dessa cepa. Maria Helena, perante a iluminação da escritora, respondeu-



A romancista que sonhou a sua obra

TEXTO DE CARLOS CÂMARA LEME

Agustina Bessa-Luís continua, como sempre, a passear e a cuidar das flores do jardim de sua casa, no Porto, com o Douro ao fundo – uma casa, disse um dia, «com fantasmas reais», traduzidos em «ruídos, presenças, sinais». *A Amarantina* pode não voltar a escrever, mas o seu universo ficcional é um território em aberto.

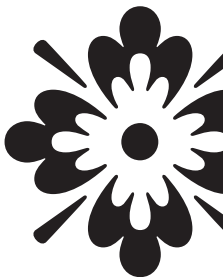
A vida prega-nos várias partidas. Às vezes basta só uma para torná-la num tormento – numa boa parte em casos de amor – e a maioria das vezes é muito injusta. A que sofreu Agustina Bessa-Luís, um acidente vascular cerebral, não tem palavras

que a descrevam mesmo que as procuremos nas mais de 60 obras e milhares de páginas com que iluminou a existência dos seus leitores e, como todos os grandes criadores, do mundo.

Aconteceu há cerca de dois anos, terminado *A Ronda da Noite*, o seu último livro, em 19 de

Julho de 2006, quando se declarou uma febre persistente, obrigando-a a abrandar todo o trabalho.

A Amarantina – era assim que gostava que a tratassem – encerrou, para sempre, a sua actividade literária: deixou de escrever, de ler, como se uma ficção sua se atravessasse no caminho



e encontrasse, de novo, o *Mundo Fechado*, título da primeira novela vinda a lume em 1948.

De então para cá, Agustina ocupa os seus dias passeando pelo jardim, onde cuida, como sempre fez, das flores da casa da Rua do Gólgota, no nº 100, nas traseiras da Faculdade de Letras do Porto, tendo como pano de fundo o Douro a que dedicou algumas das suas melhores páginas, como no magnífico *Vale Abraão* (1991). Descansa, está tranquila, vê filmes, de preferência ingleses, policiais ou de enredo romanesco, ela que têm, desde muito nova, um imenso fascínio pelo cinema. Pela objectiva de Manoel de Oliveira, seu grande amigo de longa data, muitas das suas obras foram passadas para o ecrã, chegando mesmo aos grandes festivais de cinema – Veneza, Cannes ou Berlim.

«A verdade é que recuperou muitíssimo e tem uma excelente qualidade de vida», garante a filha Mónica Baldaque. Anda pela casa e recebe as pessoas de quem gosta, mas por pouco tempo, porque a cansa manter uma longa conversa. Acompanha os acontecimentos da família, sempre com o comentário lúcido, certo, que não deixa dúvidas nem ilusões. Passeia em dias bonitos até à beiramar e na margem ribeirinha de Vila Nova de Gaia. Aprecia, com gosto e com desgosto, as mudanças na cidade. «Fisicamente está bem, agora o resto...», desabafa, conformado, o marido Alberto Luís.

Agustina Bessa-Luís nasceu, em 1922, a 15 de Outubro, um domingo, pelas seis horas da tarde, em Vila Meã, no concelho de Amarante. Des-

cedente de uma família rural de Entre-Douro-e-Minho, pelo lado paterno, e de uma família espanhola de Zamora, pelo lado materno, guardou como herança genética a região de Amarante: «Sou um produto da região, como o vinho verde, que não embriaga mas alegra» (*O Livro de Agustina Bessa-Luís*, Três Sinais Editores, 2002). Banhada pelo rio Tâmega e com a mítica Igreja de S. Gonçalo coabitando com a ponte, Amarante é uma cidade onde, pelo menos uma vez por ano, o santo protector é abraçado pelos seus habitantes.

Após o casamento, em 1917, os pais de Agustina, Artur Teixeira Bessa (1882-1964) e Laura Jurado Ferreira (1897-1994), andaram entre seca e meca (Vila Nova de Gaia, Santas, Póvoa de Varzim e Porto), passando alguns períodos no Douro, na casa da família materna em Godim – num percurso em tudo idêntico ao que conhecerá a própria Agustina. Além desse caleidoscópio de andanças há também as férias passadas na casa do Paço, das tias paternas, no lugar do Barral (Travanca, Amarante), e numa casa em Cavaleiros, perto de Vila do Conde.

Mas é do confronto entre o mar – «Tive a sorte de viver todo o período da razão até à adolescência numa vila marítima [*Póvoa de Varzim*], onde tudo era familiar, quase austero, mas pleno de liberdade» – e o Douro que a escritora constrói parte substancial da sua obra. «[*O Douro é a*] província mais capaz de paixões governadas que há em Portugal. É duro de se viver», escreve num texto inédito, agora dado à estampa – entre muitos outros inéditos – em *O Chapéu das Fitas a Voar* (2008), livro que pode ser uma porta aberta para melhor se compreender a vida e a obra de Agustina.

Sinto-me muito insegura com o brilho da luz na água do mar. Não gosto de insegurança. Não gosto do efémero...

[LER, Outono 1990]

Os maiores escritores da actualidade são desconhecidos, os que têm o seu tempo, a sua solidão, os seus instantes de glória pessoal e íntima. São aqueles que vivem melhor o que escrevem.

[LER, Inverno 1988]

-lhe: «A Agustina com os restos de aquela que eu não sou, ainda posso criar a irmã que não tive.» Segue-se-lhe *Apocalipse de Albrecht Dürer* (Guimarães Editores, 1986), em



que se detém numa das três grandes séries de gravuras xilográficas, *O Apocalipse*. Passa por *Martha Telles: o Castelo onde Irás*

e *Não Voltarás* (IN-CM, 1986), e, em 2001, confronta-se (ou encontra-se?) com *As Meninas* (ilustrações e quadros de Paula Rego, Três Sinais Editores), cuja segunda edição acaba de ser lançada pela Guerra e Paz.

Não é um combate qualquer. De tal modo que, a propósito dos desenhos grotescos da artista plástica, Agustina não se amedronta: «O desenho de Paula é uma escrita.» Um encontro entre dois universos perversos? Estão bem uma para a outra... *Last but not the least*, o fortíssimo encontro com Graça Morais, no álbum *As Metamorfoses* (Dom Quixote, 2007) em que Agustina, num registo evocativo, desvenda, à luz dos trabalhos de



Graça Morais, muitos segredos das suas efabulações. Duas leituras a não perder. *A Ronda da Noite* não é, portanto, terreno virgem.

A Amarantina defronta-se com o célebre e enigmático quadro de Rembrandt terminado em 1642, da colecção do Rijkmuseum, de Amesterdão, que tem sido objecto de várias e diferentes congeminações. Agustina está a par delas. Logo na pág. 81, traça a plano geral: «Se repararmos, *A Ronda da Noite* ou *A Companhia do Capitão Cocq*, está disposta, senão amontoada em cima dum as escadas; e, nesse aspecto, o problema da atribuição de valores fica resolvido. Cada um ascende até onde lhe é possível, quer seja por mérito próprio

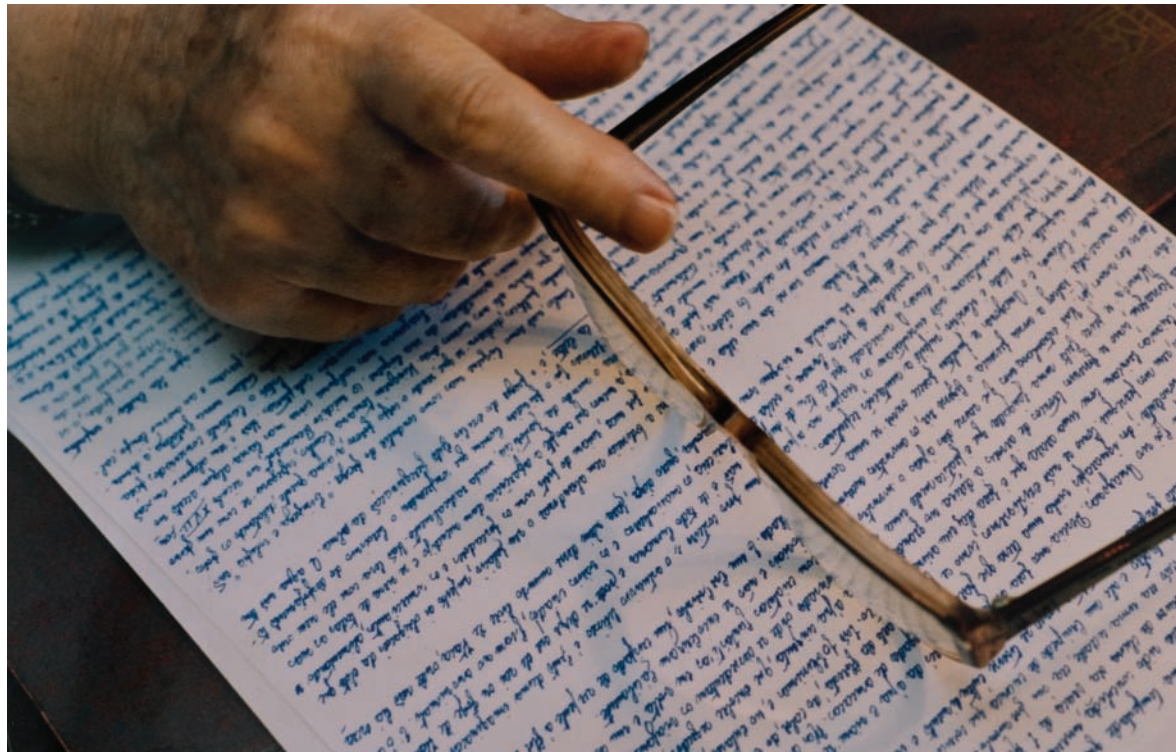
A escritora teve um irmão, três anos mais velho, que morreu no início da década de 70. A julgar pelas suas palavras em *O Livro de Agustina Bessa-Luís*, a mãe tinha uma queda especial pelo irmão («com uma expectativa que as mães têm ainda hoje pelos filhos varões»), enquanto ela era protegida por Lourença, ama da primeira filha da sua avó Agustina, que a defendia das palmadas da mãe, «que começava a achar-me desnaturada, fria, ingrata e coisas assim». Terá ficado essa cicatriz em Agustina – que lerá Freud de fio a pavio como um romance e comentará que «depois disto nada fica intacto» – como uma forma subliminar de ambivalência entre a raiva e a reparação tão manifesta nas mulheres dos seus romances?

Quer da infância quer da adolescência não guarda memórias infelizes – ou, se as teve, libertou-se delas através dos romances, sem nunca, porém, guardar rancor às suas personagens. Por mais perversas que sejam (como em *O Comum dos Mortais*, 1998, quando retrata as duas mais sinistras figuras do Estado Novo (a dupla umbilical formada por António de Oliveira Salazar e pelo cardeal-patriarca Manuel Gonçalves Cerejeira), Agustina ama as personagens que cria. É uma espécie de concerto da felicidade entre o real e a ficção.

Aos quatro anos já tem uma relação estreita com as letras. As primeiras leituras marcantes – bem patententes em muitos dos seus romances – são o Antigo Testamento, numa edição ilustrada por Gustave Doré (1832-1883), uma colecção de clássicos e uma enciclopédia ilustrada trazidos pelo pai do Brasil, para onde partira aos 12 anos, em 1894, e criara riqueza, vindo mais tarde a gerir o Casino da Póvoa de Varzim.

Entusiasma-se também pelos folhetins de *Sem Família* publicados no *Jornal de Notícias* e pelas histórias tenebrosas do escritor francês Paul Féval (1817-1887), deleitando-se com *Os Mistérios de Londres*, de 1844. Pelos seus olhos, sonhos e imaginações já tinham passado as aventuras de Texas Jack e do seu *Jumper* mas, também, os enredos visionários de Júlio Verne (1828-1905) que prolongou com o mesmo género de histórias um tudonada pícaras de Emilio Salgari (1862-1911).

Nos primeiros estudos saiu-lhe a sorte grande com a professora D. Inês. Pintava-se e «usava saias curtas com um desembaraço notável» (*O Livro de Agustina Bessa-Luís*). Os livros e as sessões de cinema, garante, acabaram por fazer dela uma romancista. Perspicaz e provocadora, relata essa iniciação na mesma obra: «Tudo o que eu podia desfrutar do tempo infantil me parecia vulgar e estranhamente impróprio para mim. Eu amava a vida dos adultos, os seus perigos, mistérios, paixões e desgraças. O erotismo da infelicidade depressa o entendi como se fosse a vocação das Pessoas.»



As pessoas é que são o material da minha escrita. Se eu não tivesse papel e tinta para escrever, acho que não sentia tanta falta deles como se não tivesse pessoas com quem falar e a quem observar.

[LER, Outono 2003]



Agustina estará de novo na Póvoa de Varzim, no Colégio das Doroteias, entre os seis e os 13 anos. Depois vai para um outro colégio e, mais tarde, recebe aulas de Latim e Francês, no Douro. Não há passagem por qualquer outra instituição escolar.

Regressada ao Porto, descobre a literatura americana, ela que para o fim da sua carreira literária teria uma obstinação em perceber o que subjaz ao mundo dos vivos através da leitura e interpretações várias de *O Coração das Trevas*, de Joseph Conrad (1857-1924).

Aos 15 anos, nas terras duras do Douro, escreve um primeiro romance, intitulado *Ídolo de Barro*, a que se seguirá um outro, *Água da Contradição*. Por iniciativa do pai ambos serão dactilografados – no entanto, à semelhança de outros originais desses primeiro tempos de escrita, mantêm-se até hoje inéditos.

Conclui *Os Super-Homens* para a Portugalíia mas toma a decisão de retirar o livro do mercado com a justificação de – segundo refere em *O Livro de Agustina Bessa-Luís* – ser «meio falhado por ter mais pretensões do que razões». Com 19 anos, regressa à Invicta. Confessa que «trazia uma informação intelectual bastante bizarra». Lê as obras do dramaturgo Eugène Labiche (1815-1888) para não esquecer a língua francesa e *O Elogio da Loucura*, de Erasmo (1469-1936), para não perder o contacto com o latim.

É nessa época, que, ironicamente, pensa pela primeira vez no casamento. Por que razão? «Porque a solteira me distraía de maiores realidades» (*O Livro de Agustina Bessa-Luís*). Se assim o pensou melhor o fez. Pôs um anúncio num jornal para conhecer alguém que tivesse determinadas qualidades. Acertou logo à primeira e começou a namorar com Alberto Luís.

Depois de uma troca de cartas, encontram-se pessoalmente no Porto – e casam a 25 de Julho de 1945. Há fotografias em que Alberto Luís acompanha Agustina com os olhos postos no chão: ela visivelmente bem-disposta, ele sorrindo com alguma timidez. Vivem em Coimbra e no Porto, depois em Esposende durante cinco anos – onde ela escreve muito, passando a ser conhecida por «eremita de Esposende». Mais tarde, regressa de novo ao Porto, onde passaria a residir na Rua do Gólgota.

Ainda hoje, para a escritora, é do domínio do mistério quem decifrou a sua letra leve e inclinada. Posteriormente, será o marido que, amorosa e dedicadamente, lhe lê os manuscritos e os dactilografa. Dia após dia, ano após ano, todos os mundos inimagináveis que se vão impondo na ficção de Agustina passam, numa relação de cumplicidade, pelo dedos de Alberto Luís. Costuma dizer-se que por detrás de um grande homem está sempre uma grande mulher; aqui a máxima deve ler-se ao contrário: por detrás desta grande mulher esteve sempre um grande homem.

Podem ter-lhe parecido pacata, arrastada, sem imaginação, mas é na cidade banhada pelo rio Mondego que escreve *Mundo Fechado*. O livro foi dactilografado por iniciativa do pai, corria o ano de 1948, chegando às montras e aos escaparates das livrarias em 1950, na colecção «Mensagem», dirigida por José Vitorino de Pina Martins.

A escritora não perde tempo: envia exemplares a Aquilino Rubeiro, Ferreira de Castro, Miguel Torga e Teixeira de Pascoaes. O fundador da revista *A Águia* felicita-a com o maior entusiasmo numa carta datada de 2 de Janeiro de 1950: «Minha muito ilustre camarada! Peço-lhe [perdão] de joelhos, de não ter agradecido já a gentilíssima oferta do *Mundo Fechado*. [...] Trata-se duma escritora de raça, dotada de excepcionais qualidades visionárias e do instinto do real.»

As suas leituras continuam a ganhar outros voos com *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert (1821-1880), e criará até uma personagem com o epíteto de *a Bovarinha*, interpretada por Leonor Silveira, no filme *Vale Abraão*.

O seu ano de glória é 1953, quando concorre com *A Sibila* ao prémio da editora fundada em 1899 por Delfim de Guimarães. Leitora dos escritores russos, em particular de Dostoievski, esconde-se por detrás do pseudónimo de Stravogvine. Em *O Chapéu das Fitas a Voar*, confessa: «Não tenho entre os escritores russos gente que não convidasse para minha casa, para ouvir e contar histórias, para confiar sentimentos que se balançam no coração, com um ligeiro gemido de portas e soalhos como violões de cordas secas e retesadas em excesso.» Vista e aclamada pela crítica literária como um símbolo de representação do feminino e do seu poder ancestral nas letras portuguesas de então (ler texto de Eduardo Lourenço), tudo ou quase tudo já se escreveu sobre esse genial livro da romancista.

Laura Bulger, quando a apresentou na homenagem que a Porto 2001 organizou – «Vozes e Olhares no Feminino», iniciativa coordenada por Isabel Pires de Lima –, resumiu em poucas palavras a grandeza de *A Sibila*: «Quem diria que a história da tia Amélia, como refere a autora, se iria transformar nessa obra-prima da nossa Literatura que é *A Sibila*, obra inovadora não só pela temática, pela linguagem ou pelas estratégias narrativas utilizadas como também pelo tratamento dado à personagem central Quina, evocada pela memória de Germa.»

Além do Prémio Delfim Guimarães, ganha, em 1954, o Prémio Eça de Queirós instituído pelo Secretariado Nacional de Informação. Na Guimarães vai encontrar como companheiros de escrita figuras como Ferreira de Castro, Joaquim Paço d'Arcos e Vitorino Nemésio (no romance) ou Sophia, David Mourão-Ferreira, Herberto Helder e José Carlos Ary dos Santos (na poesia).

ou condição social. Há os que não podem ultrapassar o seu grau de obscuridade; ou os que aspiram a valorizar-se mediante uma filiação de partido; ou ainda os que ostentam uma insígnia castrense, o casco, o fuzil, o bastão e a faixa. O rumo não estava ainda definido, muito menos o percurso. Mas arvoram todos já os títulos e as missões, ensaiando as posições e posando para a História



que possivelmente ficaria muda a seu respeito.»

E já quase a terminar o seu último sopro literário, absolutamente genial, nota

na pág. 330: «Todos os detalhes estão ali, a posição, a riqueza, o lado vulgar e sensual; tudo isso é o impessoal do homem, e seria um erro conhecê-lo através dessas diferenças. [...] A lei não as obriga, não as oprime: são pessoas felizes, indivíduos presentes no universal que é o comum das vidas.»

3

À semelhança de uma boa parte dos romances de Agustina, tudo começa no Porto, na Invicta rica, nas famílias abastadas, burguesas, pela suculenta alma dos ricos – que podem, ou até devem, viver momentos de penúria



para, mais tarde, se erguerem de novo e ressuscitem. Normalmente, habitam casas grandes,

têm propriedades e casas espalhadas pelos subúrbios da cidade ou no Douro. Como os Nabascos, a família que está no centro do romance, «que tinham a veia especulativa, e o primeiro olhar era avaliador» (pág. 232).

Perguntar-se-á? Qual é o núcleo central do seu último romance? As «vivências interpessoais», marcadas



Dedica *A Sibila* a Maria Leonor da Cunha Leão e será o filho da homenageada, Francisco da Cunha Leão, o editor da obra seguinte, *Os Incuráveis* (1956). A relação estabelecida entre os dois, diz o ex-proprietário da Guimarães Editores, «era amigável mas não íntima, mantendo uma certa ética na sua relação com o editor». Agustina entrega as provas (só revia duas) sempre a tempo e horas. «Escrevia de rajada e não havia inconstância de estilo», sustenta Francisco da Cunha Leão.

Desde esse ano, a explosão literária de Agustina – do romance às biografias passando pelo teatro, crónicas, memórias, textos ensaísticos, obras infanto-juvenis e alguns dos argumentos que fez para Manoel de Oliveira filmar a partir das suas novelas e/ou romances – não tem equivalente na literatura portuguesa da segunda metade do século XX.

Prémios e distinções sucedem-se, sendo de realçar o Prémio Camões que recebeu em 2004, aos 81 anos. Conquistou também, por duas vezes, o Grande Prémio de Romance e Novela da Asso-

ciação Portuguesa de Escritores: com *Os Meninos de Ouro* (1983) e com *Jóia de Família* (2001).

Nas declarações que faz é contida. «Sinto sempre alegria...» ou «Estou muito honrada...» e fica-se por aqui. O mesmo acontece quando a crítica entra em delírio com este ou aquele livro e suspeita-se mesmo que, sem a desprezar, não lhe atribui muita importância. Em contrapartida, é muito sensível ao que lhe dizem os seus companheiros de escrita e, ainda mais, o que o seus leitores partilham com ela – passando, horas a fio, a tagalera nas feiras do livro ou em encontros a propósito de tudo e de nada. O que não é pouco, se a compararmos com outros romancistas que se alcançaram nas suas torres de marfim.

Como explicar essa explosão? Primeiro porque tratava por «tu» o que fazia – com paixão, arrebatamento, reflexão e muita investigação. Por hábito ou por disciplina, levantava-se muito cedo. Tratava das plantas no jardim e descia o olhar sobre o Douro. Escrevia até à hora do almoço e, a seguir à refeição, voltava de novo para a secre-

tária com uma manta no colo. Parava para um breve lanche – «que era quando nós», recorda a sua filha Mónica, «podíamos falar com ela» – e recomeçava até à hora do jantar, por volta das oito da noite.

No final, os seus romances incluem a data de conclusão e por vezes o local onde foram escritos, mas não há uma especial ligação da autora com esses lugares: Agustina chega ao ponto de revelar, como no recente *Dicionário Imperfeito* (organizado por Manuel Vieira da Cruz e Luís Abel Ferreira), que até gostaria de escrever num quarto de hotel... Certo, certo, é que os grande períodos de criação literária, se assim podemos dizer, são os balizados entre Esposende e o Porto, na Rua do Gólgota.

A partir dos finais dos anos 50 começa a viajar, altura em que Alberto Luís comprou um *Volkswagen*. Além da viagem a Itália (com passagem por Espanha e França) pormenorizadamente descrita no belíssimo, mas muitas vezes esquecido, *Embaixada a Calígula* (1961), as outras viagens



Uma vida humana é sempre demasiado frágil e curta para fazer uma obra. O sofrimento é que traz toda essa força da vida, um desdobramento da nossa duração. É o que faz falta a muitos autores novos.

[LER, Inverno 1988]

mais referidas por Agustina são as que fez ao Brasil (1989), de que ficaram registos em *Breviário do Brasil*, editado pela ASA (e integrado no ciclo «Os Portugueses ao Encontro da sua História», iniciativa do Centro Nacional de Cultura). Depois de uma passagem pela Grécia com Sophia, em 1961, volta a uma das raízes da cultura europeia, Rodes, acompanhada pelo fotógrafa Luísa Ferreira, dando origem ao álbum *Azul, Azul (Não-Lugares)*, Ambar, 2002.

É visionária e acutilante nas análises que faz: como esquecer *O Mosteiro*, um dos mais agudos e inteligentes retratos de Portugal em que D. Sebastião vai ganhando os contornos de uma mulher? Ou a mais que lúcida crítica que faz ao cavaquismo em *Os Meninos de Ouro* (1983)? Ou, ainda, essa obra incomparável *A Quinta Essência* (1999), verdadeiro tratado sobre os mistérios insondáveis do sexo?

Onde situar Agustina? Próxima das temáticas de Camilo Castelo Branco na construção das personagens, não muito afastada da descrição de paisagens de Eça de Queirós, pós-moderna *avant la lettre* na desconstrução das realidades de onde parte para construir os seus livros, aparentemente provinciana mas abrindo caminhos para perceber a universalidade dos homens, única num estilo espiritualoso, sarcástico, perverso, aforístico em muitos casos, marcado, sobretudo, pela alegria de comunicar. Ela não escreve para ser aclamada mas para ser lida pelos seus leitores ou... detractores, que só se convencem da sua genialidade quando ao acaso lêem um livro seu.

A sua obra é atravessada igualmente pelo Poder que a fascina, mais para compreender a sua essência do que para exercê-lo. Nas eleições de 1969, Marcelo Caetano convidou-a para as listas da Acção Nacional Popular. Agustina aceita mas não

estava recenseada. Já em regime democrático, Francisco Sá Carneiro foi o «menino dos seus olhos». Nas eleições presidenciais de 1976, quando o PREC ainda ameaça incendiar o País, apoiou Ramalho Eanes. Nas eleições mais empolgantes desde o 25 de Abril, em 1986, disputadas entre Mário Soares e Diogo Freitas do Amaral, é mandatária nacional do segundo. Na primeira candidatura presidencial de Jorge Sampaio, em 1996, integrou a comissão de honra do candidato socialista. Dirige, entre 1986 e 1987, o diário *O Primeiro de Janeiro* e é nomeada directora do Teatro Nacional D. Maria II pelo então secretário de Estado da Cultura, Pedro Santana Lopes, funções que exerce de 1990 a 1993. Sectores ligados ao teatro, mas não só, vêem-na mais como uma «comissária política». A actriz Eunice Muñoz, que não teve com a autora de *As Fúrias* – obra que viria a subir à cena no Teatro Nacional – nem a menor nem a maior intimidade, é peremptória: «Não concordo com essa visão porque não me parece que haja razões para dizer isso. [Quem o diz] tem uma opinião bastante desonesta.» E, como seria de esperar, não só apoiou e esteve ao lado de Aníbal Cavaco Silva nas últimas eleições presidenciais como fez parte da sua comissão de honra.

Que dizer mais? «Agustina é, depois de Fernando Pessoa, o segundo milagre do século XX português e será reconhecida quando, com a distância, se puder medir toda a sua estatura, como a contribuição mais original da prosa portuguesa para a literatura mundial, ao lado do brasileiro Guimarães Rosa.» Palavras de António José Saraiva, em *Iniciação à Literatura Portuguesa* (Gradiva, 1994). E tem toda a razão.

Só foi possível escrever este texto graças à colaboração de Manuel Vieira da Cruz, Luís Abel Ferreira, Mónica Baldaque, Francisco da Cunha Leão e Alberto Luís. ■

sobretudo por Martinho Nabasco, que vive até ao fim dos seus dias obcecado com *A Ronda da Noite*? A sua mulher Judite? Ou a sua avó Maria Rosa?



Agustina entrecruza bissec-trizes em todas as direcções para simultaneamente deslindar os mistérios da tela e, simultaneamente, «pinta/escreve» – a claro e a escuro, com todos os seus cambiantes – a ronda dos seus personagens e do modo como se encaixam, ou não, nas realidades político-sociais que a Revolução dos Cravos – um outro quadro... – trouxe para a sociedade. Emoldurados pela esfera de uma efa-bulação trágico-cómica, misturando uma carga de nostalgia – «noutros tempos isto já não se passava assim» –, crítica sem apelo nem agravo o que a sociedade globalizada nos trouxe. Um exemplo apenas: «A democracia, que na mocidade lhe parecia fácil e soalheira, acabava por despertar nele [Martinho] irritabilidade de casta



que julgava não existir. Usava jeans com jaqueta com botões metálicos porque isto o situava na ambiguidade majestática, necessário num tempo de ambiguidades. Maria Rosa achava-o ridículo mas, se o ridículo mata, mata muito lentamente» (pág. 233).

4

O triângulo Martinho/Judite/Maria Rosa está marcado pela volúpia, as relações entre o sexo, o erotismo e o amor, na relação/diferença homens/mulheres, temas sobre os quais Agustina escreve como ninguém (a este título só *A Quinta Essência*, de 1999, consegue superar *A Ronda da Noite*). Neste, como noutros romances, é sob o signo da femini-

Uma Opera Omnia não é uma edição crítica

Com a publicação de *Dicionário Imperfeito* que o actual proprietário da Guimarães Editores, Paulo Teixeira Pinto, classificou, consciente ou inconscientemente – inclino-me para a segunda hipótese –, como tratando-se de uma edição crítica, estava a vender gato por lebre.

Quer o *Dicionário Imperfeito*, que levantou uma onda de indignação junto dos académicos que lidam de perto com a obra da autora de *A Corte do Norte* (o filme homónimo de João Botelho tem estreia marcada para os inícios de Fevereiro), quer o mais recente inédito *O Chapéu das Fitas a Voar*, a «Opera Omnia» tem que ser aplaudida pois vai trazer a lume alguns dos seus livros completamente esgotados (como o belíssimo *Embaixada a Calígula*). Mas, de todo em todo, não se trata de uma edição crítica, apesar do incansável trabalho de Manuel Vieira da Cruz (MVC) e de Luís Abel Ferreira (LAF), com a «ajuda fundamental de Alberto Luís», marido da autora, em erguer a Obra Completa de Agustina.

Para se falar de uma edição crítica há alguns pressupostos que tem que ser tidos em linha de conta. 1. Quando existem várias versões do mesmo texto, é preciso compará-las para determinar qual delas o autor pretendeu escrever. 2. Depois, quando as versões do texto são manuscritas existe o pressuposto de que a mais recente corresponde à última intenção manifestada pelo autor e, nessa medida, ser publicada. 3. A forma de obter o resultado é muito variável mas o importante é que a última vontade do autor tem que ser respeitada mesmo que, literária e esteticamente, uma anterior versão seja «melhor» do que a última. 4. A compa-

ração entre os vários documentos é determinante para que o leitor faça o seu juízo de valor sobre o «produto» que lhe é dado a ler. 5. Mais: em textos pequenos – como acontece com os aforismos de *Dicionário Imperfeito* – são precisas anotações que possam esclarecer não só o aforismo mas a sua data de enquadramento e não aleatoriamente.

Estas regras, de quem trabalha na filologia, não podem ser vistas como umas piquinices dos académicos e que só a eles dizem respeito. Quem defende uma tese desse calibre não sabe o que está a dizer: a obra em causa fica mais valorizada e, uma vez fixada, pode dar-se início às edições ditas «populares» (como acontece com a Edição Crítica das Obras Completas de Eça de Queirós, coordenada por Carlos Reis, que, primeiro, sai na Imprensa Nacional-Casa da Moeda e, depois, sem o aparato crítico-genético, vem a lume na Editorial Presença. Investigadores, editores, leitores e autores só têm a ganhar.

Quer isto dizer que a publicação de *O Chapéu das Fitas a Voar* não tem importância para iluminar aspectos menos conhecidos e autobiográficos para conhecer de perto o seu percurso literário? Nada disso. Antes pelo contrário.

Por um lado, confirma-se que a tia Amélia está na origem da protagonista do romance *A Sibila*, e na nota final esclarecedora «Sobre a Origem dos Textos», MVC e LAF dão uma tábua precisa dos documentos que recolheram, fixaram e editaram. Por outro lado, porque – embora a protagonista se chame Lourença – a essência de *O Chapéu das Fitas a Voar* é de uma «autobiografia “quase” levemente ficcionada», confirmando alguns dos traços da vida da escritora e da sua escrita. Entre muitos exemplos, quando ia ao cinema convivia com as estrelas de Hollywood; regala-se com a lotaria de ter vivido entre «o período da razão até à adolescência» na Póvoa de Varzim com o seu casino que lhe desperta tanta curiosidade e, sem panos quentes, afirma: «Escrever romances é uma maneira sedentária de multiplicar a nossa história.»

Está tudo em *O Chapéu das Fitas a Voar*? Completa-se com *O Livro de Agustina Bessa-Luís*? Sim e não. Porque o melhor de Agustina e a sua autobiografia estão nos livros que escreveu. ■ **Carlos Câmara Leme**

O Chapéu das Fitas a Voar – Escritos Autobiográficos
Agustina Bessa-Luís
Guimarães Editores
230 páginas

lidade que Agustina compõe o quadro. O capítulo VI, «O Torreão Vermelho», é a chave para compreendermos Rosa – que já na adolescência, sob os calores do Verão «não trazia calcinhas



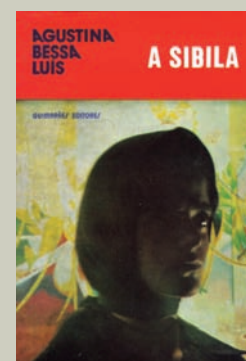
e o vento da tarde lhe beijava as partes íntimas» (pág. 125) – e o seu neto Martinho, interrogando-se Rosa Maria ao longo do livro se ele é ou não

um mutante. Um bissexual?

Maria Rosa desafia-o e pergunta-lhe se ela é cruel. Mas não desarma.

«Acontece com as mulheres o que acontece com o dinheiro [...]» Martinho contrapõe: «E as mulheres cabem aí?» «Não», responde Maria Rosa e acrescenta: «Mas entram em qualquer discurso. A inflação é isso.» Dá-lhe um conselho: «Dorme com ela [Judite], que sempre ajuda.»

A seguir, vem a estocada fatal: «Isto de se julgar que as mulheres de cama



têm um estilo próprio de provocar com roupas íntimas, é um engano. Com roupas íntimas não se provoca nada, elas são o contrário da

excitação. O cancé sim, era excitante; libertava o cheiro a sexo com aqueles folhos e saias agitadas no ar» (pág. 203). Até porque «os grandes amores são como as grandes dores, silenciosos. Só que trazem a virtude de em nada serem calculados, nem sequer pressentidos». Porquê? Porque «decorrem com sintomas que mais parecem de doença extraordinária, se não é que o amor não é uma doença das células que se renovam. E aqueles que não amam contam mais células mortas do que as outras pessoas, os amantes que amam» (pág. 200). Perfeito milagre da escrita, *A Ronda da Noite* foi abençoado por Deus e odiado pelo Diabo. Como Agustina, decerto aprecia.

Carlos Câmara Leme



Genial e vulcânica

MANOEL DE OLIVEIRA*

O nosso encontro deu-se quando ela tinha acabado de escrever *Os Incuráveis*. Nessa altura, o pintor Carlos Carneiro apresentou-me a Agustina e ao Novais Teixeira, jornalista português do jornal brasileiro *Folha de S. Paulo*. Ela morava, por essa altura, na Rua da Boavista. Conte-lhe que gostava de fazer um filme da minha autoria, *A Caça*. Ela achou interessante não obstante não estarmos inteiramente de acordo sobre a forma como o filme terminava.

Depois ela ofereceu-me *A Sibila*, que eu já tinha lido, depois de ter acabado de ler *Os Incuráveis*. E, de novo, estivemos em desacordo. Eu, imprudentemente, disse-lhe que gostava antes que me oferecesse *Os Incuráveis* de que eu gostava mais. Imprudentemente porquê? Porque quando alguém nos oferece algo não temos senão que aceitar.

Em 1979, enviou-me o romance histórico *Fanny Owen*. Quando o li era, afinal, uma história que eu conhecia já muito bem, por se tratar de coisas ligadas à família da minha mulher, ocorridas na Casa da Capela, em Baião – que, por essa altura, pertencia ao seu irmão Abel Brandão Carvalhais por herança. E onde existiam as cartas de Fanny Owen, porque o apaixonado dela, José Augusto, era oriundo da Casa da Capela.

Entretanto, ainda em 1979-1980, estava eu já preparado para filmar, com toda a equipa, *O Preto e o Negro*, história com base no que eu tinha contado ao autor Vicente Sanches e que ele cruelmente aumentou. Apenas faltava o acordo com o Vicente Sanches, com quem eu já tinha filmado *O Passado e o Presente*. Agustina escreveu-me a dizer que não fizesse tal coisa. O crítico literário João Gaspar Simões escreveu um artigo em que ia, também, ao encontro da opinião que Agustina me tinha manifestado. Acontece que se tentou chegar a um acordo entre mim e o produtor com o Vicente Sanches, mas que não produziu qualquer efeito. Como conhecia bem a história de *Fanny Owen* propus ao produtor Paulo Branco que fizesse o contrato com a Agustina em que eu prometia que, em menos de um mês, teria a planificação para realizar *Francisca*.

Se ela não gostar deste ou daquele filme meu – com base em livros dela – isso não me incomoda nada desde que eu goste daquilo que fiz. O que me poderá verdadeiramente doer é eu não gostar daquilo que faço. Julgo, porém, que nunca traí

o espírito de qualquer das obras que saíram da caneta de Agustina e que levei para o ecrã. Mais do que todos os filmes que fiz com ela, do que gosto mais é mesmo dela. De todos os livros o mais forte é *Os Incuráveis*. Mas a Agustina não é nenhum dos seus livros mas o conjunto de toda a sua obra. Ela completa-se. É genial e vulcânica.

**Cineasta.*



Um espírito muito independente

DIOGO FREITAS DO AMARAL*

Não me recordo da data ou do ano em que conheci Agustina Bessa-Luís. Mas sei que foi num almoço, no Porto, em casa de amigos comuns. Contudo, ambos nos conhecíamos bem – ela, através da minha actuação política, desde 1974; e eu (claro) através da leitura deliciada de alguns dos seus excelentes livros, de que recordo em especial *A Sibila*, *Fanny Owen* e a biografia do marquês de Pombal – *Sebastião José*.

Como é que se processou o convite que lhe fiz para ser a minha mandatária? Em primeiro lugar, direi que no grupo informal com quem preparei a minha candidatura [*presidencial*], antes de ela ser anunciada (26 de Abril de 1985), foram ponderados três nomes para «Mandatário Nacional» – um general, um professor universitário e um escritor ou um artista plástico. Por unanimidade, o grupo aconselhou-me o nome de Agustina, que eu de imediato aprovei com grande esperança. Em segundo lugar, eu não queria colocar uma pessoa tão prestigiada e respeitada perante um convite meu que a apanhasse de surpresa: não seria correcto da minha parte. Lembrei-me então de, para uma sondagem prévia, recorrer ao meu bom amigo Alberto Baldaque, genro dela.

A resposta veio em 24 horas e era positiva. Combinou-se, então, um encontro entre nós em casa dela. Foi às cinco da tarde e ela serviu-me, com toda a amabilidade e gentileza, um chá com *scones*, à moda inglesa. Expliquei-lhe a razão de ser e os objectivos da minha candidatura, bem como as linhas gerais do que seria o meu discurso eleitoral. Ela concordou, aceitando ser a minha «Mandatária Nacional». E disse mais ou menos o seguinte:

– Olhe, Professor. Não sei se vai ganhar ou não. Ninguém sabe. Mas vou trabalhar para isso. Estas eleições são muito importantes para a consolidação de um regime democrático civil. E o povo português tem muita sorte: a disputa vai realizar-se entre os dois melhores candidatos que, neste momento, a esquerda e o centro-

-direita têm para apresentar: Mário Soares e Freitas do Amaral. Com qualquer deles, Portugal ficará bem servido. Mas eu vou apoiá-lo a si.

Agradei, é claro, muito sensibilizado.

Agustina Bessa-Luís foi sempre, e é, uma pessoa muito independente. Pensa pela sua cabeça. E possui uma imaginação, uma criatividade e um poder inventivo que lhe permitem situar-se na ficção ou na biografia sem precisar de fazer política. Não o fez antes do 25 de Abril, nem depois. Decerto teve e tem as suas ideias políticas. Mas os seus livros não são políticos: são obras literárias, retratos humanos, reflexões filosóficas, mas não invadem o domínio próprio da política. Quando entrou numa campanha política, fê-lo como cidadã. Assim, creio que lhe foi fácil discursar em inúmeros comícios da minha campanha. E que belos discursos fez!

Se a política nunca contaminou a sua literatura, a arte de pensar e de escrever esteve sempre nos seus discursos políticos. Eram substancialmente ricos e formalmente perfeitos. A multidão escutava-a em silêncio atento e enleado. E, no final, aplaudiam-na mais do que aos políticos que me apoiavam.

Porquê? Talvez porque a arte é pura e a política impura.

**Fundador do CDS, candidato à Presidência da República nas eleições de 1985, presidente da Mesa da Assembleia Geral da Nações Unidas (1995) e ex-ministro dos Negócios Estrangeiros do actual Governo.*

Se a política nunca contaminou a sua literatura, a arte de pensar e escrever esteve sempre nos seus discursos políticos, ricos e perfeitos. A multidão escutava-a em silêncio atento e enleado.





O melhor escritor português vivo

PAULO TEIXEIRA PINTO*

Quando me perguntam o que para mim significa, enquanto responsável máximo da Guimarães Editores, ter no catálogo da editora a romancista Agustina Bessa-Luís, não posso deixar de sentir um enorme orgulho por ter o meu nome associado ao seu percurso literário: desde o seu primeiro romance, *Mundo Fechado*, até ao seu último livro, *A Ronda da Noite*. Por muitas razões, a maior das quais é considerá-la o melhor escritor português vivo.

Com Agustina tem esta casa tido uma longa relação editorial, estabelecida em 1954, data em que ganhou o Prémio Delfim Guimarães. Orgulho-me, também, por ser uma autora com um invulgar

exemplo de fidelidade editorial que muito honra a Guimarães Editores.

Além de querer repor a sua *Obra Completa* à disposição dos leitores, contamos dar a conhecer internacionalmente a romancista, dramaturga e ensaísta, particularmente no mundo anglo-saxónico onde ela, como muitos outros escritores portugueses, não tem um único livro traduzido. E, nesse sentido, é subavaliada.

Como admirador e responsável editorial da sua obra é nosso propósito fazer uma grande divulgação internacional de Agustina Bessa-Luís.

**Presidente da Guimarães Editores.*



Mistérios da genialidade

PEDRO SANTANA LOPES*

Agustina Bessa-Luís tem o dom de pertencer a cada lugar e a cada tempo. Fá-lo com inteligência, humor e liberdade de espírito com expressão numa estética sibilina, irrepetível. É no desconcerto das ideias feitas que Agustina constrói o seu universo, que nos é tão próximo, como surpreendente.

Agustina representa um misto da aristocracia e burguesia do Norte português. É de aqui que se assume como uma cidadã do Mundo, pós-moderna, capaz de identificar as nossas idiossincrasias, peca-dinhos e grandezas muitas vezes desaproveitadas. Fala sobre a autocontemplação dos Portugueses com uma lucidez mordaz. A troco de uma banalidade, surge com um comentário profundo, cheio de humor e oportunidade.

Lembro-me de um dia, na China, ao entrar num carro para visitar o exército de soldados de terracota em Xian, capital de Xanxi, debaixo de um calor húmido insuportável, Agustina ter perguntado ao

homem do protocolo se podia ligar o ar-condicionado. Quando o diplomata lhe disse que o aparelho não funcionava, Agustina logo respondeu: «Deve ser a única coisa que não é condicionada na China.»

Nessa altura, tinha convidado Agustina Bessa-Luís para dirigir o Teatro Nacional D. Maria II. Sendo do Porto, gostava muitíssimo de Lisboa e lá vinha, todas as semanas, de comboio, com um entusiasmo contido, quase trocista. Fizémos o «sacrilégio» de pôr no palco do Teatro Nacional o musical *Passa por Mim no Rossio*, de La Féria, com enchenes diárias, durante meses. Geria as pessoas e as coisas com sabedoria. Era desassomburada, desconcertante para alguns, mas nem por isso provocava conflitos.

Desde essa altura, mantivemos um contacto regular, por vezes escrito. É, para mim, um privilégio ter algumas das suas cartas, verdadeiras peças literárias que gosto de visitar. Agustina sabe ser amiga, estar presente e deixa sempre a marca ori-

ginal do seu pensamento. Nada escreve sem sentido. Em nada se poupa ou desinveste.

Em Janeiro de 2004, fez a apresentação do meu livro *Causas de Cultura* (Bertrand), no Grémio Literário. Presentes, naquele mês, governantes, juizes, intelectuais, desconhecidos – o poder no mundo português. Agustina cortou a direito: «Penso que um país não pode ser gerido como uma casa de família. Demasiada prudência tem riscos de transformar tudo em costume. Ora viver não pode ser um costume, governar também não o é. Ousar, perder e ganhar, recomeçar e sobretudo conhecer o ilimitado que nos chama e os meios que nos põem obstáculos são a marca do homem do poder.»

**Ex-primeiro-ministro. Candidato do PSD à Câmara Municipal de Lisboa. Enquanto secretário de Estado da Cultura nomeou Agustina para directora do Teatro Nacional Nacional D. Maria II (1990-1993).*

A perspectiva da maga

LÍDIA JORGE*

Para Agustina Bessa-Luís, o contraditório é o chão do pensamento. Quem não entender essa sua raiz profunda terá dificuldade em compreender a obra que produziu, o vínculo que estabelece com o mundo, com os livros, e até mesmo o tipo de relação que mantém com os colegas de quem é contemporânea.

A obra aí está para o ilustrar. Ler Agustina é mergulhar num mundo de virtuosismo entre pensamento e ficção, destriça entre instinto e alma, discurso cujos contornos podem assentar no histórico ou no jornalístico, mas o nuclear sempre se constrói rente ao humano individual, no que ele tem de insondável e nele se constitui como fonte de surpresa. A surpresa que Agustina faz falar através da análise da ambivalência humana, onde se jogam as oposições que formam o universo da interioridade. O mesmo é dizer que imaginar a literatura do século XX sem a obra de Agustina, seria amputá-la da sua fatia mais densamente dramática.

Mas se se quiser entrar no domínio da escrita produzida por mulheres – particularidade que continua a fazer sentido – nela se encontra uma espécie de sublevação em relação àquilo que,

em geral, é o estereótipo feminino, fundamentado num contraditório ainda mais radical.

À primeira vista, Agustina sempre escreveu para além do ressentimento, já que parece ter impregnado as figuras de mulher daquele carácter a que comumente se chama de viril, e eu chamaria apenas de vencedoras no plano da representação, por compensação da perda no plano do real. A frase de Nietzsche que ela tão subtilmente manobrou em *Um Cão Que Sonha* – «Se fores ver a mulher leva o chicote» – sob os seus dedos, muda de mão, e o cabo desse instrumento confunde-se com a caneta que empunha, para com ela vergastar a fragilidade do homem. Mas não é fácil em Agustina encontrar algum campo de leitura linear, directa, e muito menos pacífica.

Para os espíritos mais convencionais, Agustina promove surpresas espantosas, colocando-se no lugar de onde a mulher vergasta a mulher, depreciando-a. Pois não é raro Agustina falar da mulher como um ser sem causa, um ser desempregado de ambição, uma alma vaga, deambulando ao sabor do acaso e do apelo, uma criança grande acomodada a um eterno segundo lugar.

Surpresa? Contradição? De modo algum – ape-

nas um permanente exercício de translação. Pois lá onde Agustina parece estar, não está. Apenas ali se encontra a sublevar os espíritos, essa acção superior que atribui à escrita e à conversação, e para a qual sempre está necessitando de novos espaços para mudar de mira. Qualquer dialogante desprevenido, diante de Agustina, pode sentir-se de facto mais conforme com aquilo que a modernidade espera de cada um de nós. Mas a autora de *Os Incuráveis* é sempre moderna porque se coloca fora da dualidade presente/passado e, bem vistas as coisas, fora da dualidade homem/mulher. Agustina vê-se a si mesma numa perspectiva de futuro, e escreve e fala na perspectiva da maga.

O molde que encontrou para esse salto fora do tempo e do género, nos livros, foi a sentença e a epígrafe. Na discussão, foi a exploração do adverso, isto é, da contradição revestida do irónico, e até do irónico prazenteiro. Porque Agustina, como se lhe reconhece, sabe rir do mundo como ninguém. Como poucos, ri de todos, e entre todos – ao contrário do processo usado por muitos – ela mesma, lá não está.

**Escritora.*

À maneira de prelúdio

LAURA FERNANDA BULGER*



Curiosamente, não foi o primeiro, mas o segundo volume de *Os Incuráveis* que me deu a conhecer a escrita de Agustina, antes mesmo de ler *A Sibila*, descoberta tardia, mas que foi, como se costuma dizer, um daqueles encontros fatais que acontecem na vida.

O que logo me impressionou em *Os Irmãos* foi a exuberância da voz narradora, no primeiro parágrafo da sequência a *Os Retratos*. Lembrava-me a euforia de Mrs. Dalloway, naquela dia quente de Junho, antes de sair de casa para comprar flores – *What a lark! What a plunge!* –, como se a manhã radiosa também fosse para ela um recomeçar, «mergulhando», a seguir, nas recordações de uma infância já distante, o que sucede com frequência nos romances de Agustina, para quem o passado também é motor de toda uma orquestração novelística.

Para além da «febril coragem de aventura», condição essencial da criação artística, em *Os Irmãos* confirma-se uma estética determinada em explorar os recantos mais obscuros da vivência humana, fazendo das experiências e dos «sonhos já vividos» objecto de contínua auto-reflexão. «Tudo serve para recomeçar», sejam os arroubos espirituais de uma protagonista aspirante a um mundo outro que não o seu, sejam os instantes em que se ocupa das tarefas mais insignificantes do seu quotidiano doméstico.

Assim é, por exemplo, o constante recomeçar da heroína arquetípica, Quina, na evocação contemplativa de Germa, enquanto se baloiça naquela «sala, de tecto baixo, onde pairava um cheiro de pragana e de maçã». As primeiras páginas dos romances de Agustina são geralmente tão empolgantes que, seduzidos pela grandiosa *overture* verbal, vamo-nos envolvendo, em *adagio* ou *presto*, na intriga ou teia de intrigas forjadas por uma memória imprevisível e imparável.

Em *As Pessoas Felizes* começa-se por recordar um belo dia de Verão, o que não significa que a narrativa que se lhe segue – uma das muitas em que a sociedade portuense é o referencial identificável – se desenrole pacífica e linearmente ou que Nel, a personagem central, encontre alguma vez a felicidade que procura. Um curto preâmbulo sobre a infalibilidade do poder diabólico é premonitório de uma história sórdida, o caso de Eugénia e Silvi-

na, onde se narram os caminhos tortuosos da duplicidade, do incesto e de um crime não resolvido, praticado, supostamente, por uma mulher. O destino da protagonista poderá ficar suspenso do lugar sagrado descrito no prólogo, como a «menina de nome Alfreda» que, no sítio do Anjo, anseia por conhecer a Virgem, sendo *A Alma dos Ricos* a representação do seu percurso obsessivo, que só termina com a morte da heroína delirante. Em *Fanny Owen*, o cenário de um Douro infernal serve de prelúdio ao drama de Fanny, vítima do ciúme entre dois homens romanticamente apaixonados.

À maneira de prelúdio, em *Vale Abraão* fala-se da margem esquerda do Douro, ensombrada por uma maldição bíblica que deixa antever a trajetória da heroína, Ema, condenada a uma vida insatisfeita, na tacanhez do seu meio provinciano. A morte por afogamento nas águas lamacentas do rio será o fim desta Boverinha-Ofeliana, moldada pela paisagem duriense.

Parafraseando a própria Agustina, ao comentar as representações pictóricas de Paula Rego, as mulheres construídas pela escritora «talvez fossem outras» sem esse universo nortenho subjacente, consciente ou inconscientemente, à sua ficção. Tal como acontece com Paula Rego, ficamos sem saber como a criadora de *A Sibila* as representaria «a partir de Elsinor», o reino da adúltera, da prostituta e da louca, na visão de um Príncipe melancólico, atormentado pelo desejo de vingança. Mesmo depois de percorrer a longa galeria de protagonistas agustinianas, não ousaríamos imaginá-las, até porque Agustina é sempre surpreendente.

*Professora da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e autora de, entre outros livros, *A Sibila* – Uma Superação Inconclusa (*Guimarães Editores, 1990*) e *O Ângulo Crítico do Entendimento do Mundo. Estudos em torno da Ficção de Agustina* (*Edições Colibri, 2007*).



A incompletude da escrita circular

ÁLVARO MANUEL MACHADO*

A célebre frase de Fernando Pessoa «Eu não evolo, viajo» (carta a Adolfo Casais Monteiro, 1935) poderia ser aplicada, em termos gerais, ao processo criativo de Agustina Bessa-Luís. De facto, na autora de *O Mosteiro* parece não haver aquilo a que se chama «fases» ou «ciclos» linearmente determinados.

Tudo em Agustina se corresponde e entrelaça. Tudo se acumula e repete, em círculo. Mas, tal como o encadeamento de personagens e factos (em que nada, mesmo o mais momentâneo e casual, se perde) dá o sentido último ao livro, também lho dá o que, à primeira vista, pareceria o seu contrário: a incompletude. O que significa que, em Agustina, tudo se liga, tudo leva a uma poética do inacabado.

Assim, de *Mundo Fechado* (1948) até *A Ronda da Noite* (2006) há uma circularidade da escrita que concilia *ad infinitum* unidade e variedade, a diferentes níveis da narrativa, desde um obsessivo «espírito do lugar» à multiplicidade de personagens, algumas reaparecendo ciclicamente. Arte da repe-

tição, portanto, desde o primeiro romance. O que nos leva a pensar que para Agustina a obra de arte é um «mundo fechado». Digamos até, um absoluto. Todavia, um absoluto feito de fragmentos, no mesmo sentido em que o foi para Proust o *À procura do Tempo Perdido*: o de uma diversidade que se concentra na própria acumulação metafórica e fragmentada de pormenores quase imperceptíveis que a memória (sobretudo a da infância) recupera e transfigura miticamente a cada instante.

As próprias personagens, na sua diversidade, são reveladas ao leitor como únicas através de pequenos detalhes: os objectos que as rodeiam, hábitos quotidianos que por vezes se confundem com manias, maneiras de vestir, de falar, etc., tudo isso inserido no elemento absolutamente fundamental da estrutura narrativa agustiniana que é o tempo, sentido na sua veloz passagem e/ou pensado na sua tenebrosa essência. Lembremos, a propósito, como desde o início do seu primeiro romance, *Mundo Fechado*, Agustina evoca o «peso» do tempo através do personagem central, Pedro,

que tem evidentes semelhanças com o Hans Castorp de *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann:

«A impressão de que tudo era igual para si e seguia igual, de que entre a noite e o dia, para si, não houvera sombra nem trégua, de que vivia já infinitamente entregue ao tempo, pavoroso de tão vasto, horrível de tão sereno – isto persistia em si. “É como a certeza de ter de esperar para sempre” – pensou» (pág. 6).

E lembremos ainda como, no seu último romance, *A Ronda da Noite*, Agustina volta ao tema do tempo e da memória que o mitifica, agora projectado na relação entre literatura e arte, quando Martinho, o personagem principal, sente «quanto no tempo há apenas fugacidade e não outra medida senão esta» (pág. 115). Assim, o círculo fecha-se, entre a ironia e o mistério.

**Professor da Universidade Nova de Lisboa, autor de, entre outras obras, Agustina Bessa-Luís – Vida e Obra, (Arcádia, 1979) e Agustina Bessa-Luís – O Imaginário Total (Dom Quixote, 1983).*

A alegria das letras

TELMO MOURINHO BAPTISTA*

Recordava o seu gosto pelo contacto com o público, pelas longas horas passadas em feiras do livro, sentada, a assinar os seus livros e convivendo com os seus leitores. Daí que, quando há cinco anos promovi um ciclo de conferências sobre as relações entre a Psicologia e outras áreas do conhecimento, se me impôs o nome de Agustina Bessa-Luís como a pessoa a convidar para o tema da Literatura e Psicologia.

Vejo-a entrar na Livraria Almedina de Lisboa e tenho o vislumbre de uma avó, da minha avó, de todas as avós, a quem nos apetece tratar com reverência e trato cuidado. Surpreendo-me com a sua rapidez e o olhar certo. Esse olhar que mantém durante todo o tempo, um olhar sorridente, de quem goza o que o mundo tem para lhe dar.

Fez uma palestra invulgar, tirando a literatura

do pedestal em que esperaríamos que a colocasse, para falar dessa actividade como quem fala de qualquer outra coisa necessária à vida como comer ou tomar banho. Sem mais. E entreteve-se e entreteve-nos a contar pequenas histórias da sua vida, como para demonstrar a sua tese.

Contou como os taxistas a levavam em grandes voltas por Lisboa, tomando-a por uma provinciana carregada de volumes de supostos mantimentos, pacotes que envolviam as letras em forma de livro que escrevia, e de como isso não a incomodava. Ou ainda da vez em que um vendedor do Bulhão, após lhe ter apresentado um papel com a conta das mercadorias, e Agustina o ter interrogado sobre a quantia em causa, lhe ter perguntado se sabia ler. E de como isso a divertia, sentir que podia passar despercebida, ou posta num lugar

em que a literatura era só mais uma actividade, alheia a este mundo dos outros.

Por isso, disse não acreditar nas grandes ideias feitas sobre a importância da literatura. Que revelação feita por quem tinha escolhido a vida de escrita!

Acedeu mais uma vez a assinar os seus livros, com a paciência de quem tem todo o tempo à sua frente, e deixou-me uma dedicatória na sua autobiografia e fotobiografia que é toda uma visão do mundo, «com um abraço de muita alegria, porque as letras são coisas de felicidade». Fez tanto por desaparecer aos nossos olhos que registou neles uma impressão duradoura. Será esta a magia, o truque, ou a verdadeira forma de viver?

**Presidente da Associação Pró-Ordem dos Psicólogos.*